

APOLLO E APOLLONIA

Ilan Shachar

AMPLITUDE DESTE ESTUDO

Esta é uma compilação do que é conhecido ou suposto a respeito da origem de certas cidades e colônias gregas, numa tentativa de compreender as razões pelas quais elas foram aparentemente nomeadas segundo o deus Apolo.

É geralmente aceito que os gregos consultavam seus deuses, e normalmente um oráculo de Apolo, antes do estabelecimento de novas colônias (cf. Cícero *De Div.* 1.3, Callimachus *In Apoll.* 55ss, Orígenes *Contra Celsum* 8.45). Dentre algumas centenas de tais colônias (“*apoikia*”) e fundações ou refundações de cidades durante o período helenístico posterior, mais de 40 trazem alguma forma do nome Apolo. Apesar deste ser um número significativamente maior do que o número de topônimos associados a qualquer outro deus,¹ se a intenção era honrar a divindade que aprovava a empreitada da fundação (*Apollo Archegetes/Oikistes/Ktystes*), fica a questão, não de “por que tantas?”, mas “por que tão poucas?” Quais eram os fatores por detrás da escolha do nome “Apollonia?”

REGIÃO GEOGRÁFICA E PERÍODO CRONOLÓGICO

Este estudo lida com a colonização e fundação de cidades na bacia do Mediterrâneo oriental, Ásia Menor e Oriente Próximo. Ele cobre tanto a era de intensiva colonização grega de c. 800 a.C. até c. 500 a.C., como também o período helenístico de fundação de cidades, desde o fim do século IV até o século II a.C.

Ilan Shachar concluiu seu mestrado na Tel Aviv University, onde ingressou no doutorado, e participa das escavações, oferecendo especial apoio à equipe brasileira. Título original: Shachar, Ilan. *Apollo and Apollonia*. (julho de 1999). Traduzido por Thiago Bonfada de Carvalho, Núcleo de História Antiga/UFRGS. Foi publicada versão similar sob o título *Greek Colonization and the Eponymous Apollo*, in *Mediterranean Historical Review*, Ed. 15.2, Tel Aviv, Frank Cass Publishers, 2000.

METODOLOGIA

Este estudo é uma tentativa de análise histórico-geográfica comparativa, baseado em textos antigos e estudos modernos. Ela apresenta uma série de dificuldades, já que não é sempre claro a que Apollonia um autor antigo está se referindo, e isto por vezes gerou debates acadêmicos. Alguns dos sítios são conhecidos apenas através de referências literárias, e sua localização ainda não foi identificada. Desta maneira, é inevitável que se façam muitas conjecturas.

Este estudo inclui dados arqueológicos, na medida em que estes dados parecem ser relevantes à questão do topônimo. Apenas 4 ou 5 dos sítios foram escavados, e, para o restante, as evidências arqueológicas consistem de achados aleatórios de superfície. Adicionalmente, o próprio número de Apollonias, especialmente na Ásia Menor, dificulta a atribuição de coleções de inscrições ou moedas em museus (Robert 1954:245-247 e Robert 1959:185 n. 7).

ESTUDOS ANTERIORES

Stephanus de Bizâncio, que se acredita escreveu por volta de 500 d.C., compilou uma lista de 25 Apollonias, e de 5 topônimos adicionais que parecem derivar do nome do deus Apolo (*Ethnika* 105-7). Na *Paulys Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* (1894-Zweiter Halbband: 2846-6, 1895-Dritter Halbband: 111-118 e 164, 1903-Supplementband I: 109, 1918-Supplementband III:133, 1940: Supplementband VII:39-43), existe uma lista de 31 Apollonias e vários outros topônimos apolíneos. Estas duas listas foram de grande valor como pontos de partida para o presente estudo; entretanto, tanto quanto eu saiba, jamais houve uma tentativa de analisar coletivamente os critérios de escolha de nome.

CONTEXTO DO MOVIMENTO DE COLONIZAÇÃO ENTRE OS SÉCULOS VIII E VI A.C.

As causas do grande movimento colonizatório do período arcaico são debatidas há muito tempo. Enquanto certamente não existiu nenhuma razão uniforme, fatores ativos devem ter incluído superpopulação, pobreza e falta de terra arável, complementados por fatores passivos como oportunidades e conhecimento técnico (Graham 1982:157ss).

A religião era central para a colonização. Ela fornecia o esquema simbólico para um processo etapa por etapa; escolher um fundador (*oikistes*), consultar o oráculo, transferir o fogo sagrado para a nova colônia, planejar e dividir o território, criar um novo lar para os deuses e, depois, estabelecer um culto para o fundador original.

A maioria dos estudiosos concordaria hoje que Delfos era o oráculo predominante para colonização a partir do século VIII. De qualquer maneira, as únicas respostas oraculares autênticas que sobreviveram são de Delfos, mas é provável que outros oráculos também foram consultados (Malkin 1987:17). Uma vez recebida a autoridade religiosa pessoal pelo oráculo de Apolo, o *oikistes* se tornava para os colonos o que Apolo era para ele: um expositor (*exegetes*) da religião. Mantinha-se a ficção de que Apolo tinha iniciado o ato da colonização e que ele próprio era o líder divino da expedição (*archegetes*) (Malkin 1987:5).

O culto a Apolo Archegetes estabeleceu o que foi descrito como o modelo político para a colonização (Detienne 1990: 301ss). O exemplo mais claro deste culto foi em Naxos na Sicília, que foi fundada em 734 a.C. e que incluía um altar, situado fora da cidade, em honra ao deus (Tucídides 6.3.1).

Se debateu se Delfos encorajou, justificou ou santificou o que nós consideraríamos hoje o ato agressivo da colonização. Uma resposta oracular positiva certamente implicava permissão de tomar as terras de outrem e bem pode ter sido vista como justificação moral (Graham 1982:145). Entretanto, nós não sabemos o suficiente sobre os valores morais gregos contemporâneos para compreender os sentimentos dos colonos quanto a isso. Certamente a sanção délfica e a presença continuada do representante de Apolo, o *oikistes*, ajudavam a remover o medo de estar ofendendo outros deuses (Malkin 1987:6).

Os estudiosos questionam a antecidade de muitos, senão da maioria, dos oráculos de fundação (Pease 1917:1ss, Parke & Wormell 1956:78, Malkin 1987:20). Era natural que uma lenda délfica fosse “inventada” por colônias bem-sucedidas no decorrer do tempo. Podemos ser particularmente céticos quanto a iniciativas e/ou instruções oraculares para colonizar um local específico; apesar de que conhecimento geográfico considerável deve ter sido acumulado em Delfos com o passar do tempo, é razoável supor que cada aspirante a *oikistes* chegasse com um plano e “fornecesse” ao oráculo uma descrição do destino intencionado, seja abertamente ou sub-repticiamente. O que se desejava não era tanto diretrizes, mas autorização divina para um programa pré-concebido (Parke & Wormell 1956:50).

O NOME DA NOVA COLÔNIA OU CIDADE

As fontes antigas têm pouco a contribuir para a questão de como as colônias recebiam seus nomes (Malkin 1985:115). Platão sugere que os nomes podem mudar conforme o resultado da colonização, e que os fatores podem ser a topografia (e.g. um rio ou uma fonte), o nome de um deus local já associado ao local, ou circunstâncias especiais (*Leis*, IV, 704a). Um exemplo topográfico é Amphipolis, assim chamada porque era um ponto que se destacava na paisagem tanto da terra quanto do mar (Tucídides IV, 102.3). Não há evidências indubitáveis de uma colônia grega nomeada segundo uma divindade não-grega (Malkin 1987:152). Também houve fundadores epônimos, mas estes parecem ter sido excepcionais (Malkin 1987:129). Em alguns casos, os decretos de fundação sobreviveram (e.g. o caso de Cyrene), e às vezes o oráculo aparentemente especificava o nome da nova colônia (e.g. também em Cyrene). Algumas destas respostas foram quase certamente forjadas *post factum*, e de qualquer maneira não indicam princípios que guiassem a escolha de um topônimo. Com toda a probabilidade, e na maioria dos casos, a escolha do nome de uma colônia era prerrogativa do *oikistes* (cf. Tucídides IV, 102.3; Graham 1982:149, Malkin 1987:50 n. 195).

Apesar de ser obviamente uma prática aceitável, a nomeação de colônias segundo divindades parece em geral ter sido relativamente rara no período arcaico/clássico, pelo menos no indicado pela lista de Hammond (1986:657ss). Isto pode ser comparado com os topônimos bíblicos, onde existem vários de origem divina, contendo os elementos “Casa de ...”, claramente se referindo ao templo de algum deus que deu seu nome ao local (Aharoni 1979:108). Entretanto, também na Bíblia estes nomes não são predominantes.

No tocante ao período helenístico, existe uma falta similar de evidência literária sobre a escolha de topônimos. A única exceção significativa é a descrição das fundações de Seleuco I Nicator, fornecida por Appianus de Alexandria (XI, 9, 57):

Ele construiu cidades por toda a extensão de seus domínios, e nomeou dezesseis delas Antióquia segundo seu pai, cinco Laodicéia segundo sua mãe, nove segundo seu próprio nome, e quatro segundo suas esposas, isto é, três Apamea e uma Stratonicea ... às outras ele deu nomes da Grécia ou da Macedônia, ou de seus próprios feitos, ou em honra de Alexandre; de onde veio a acontecer que, na Síria e nas regiões bárbaras da Ásia superior, muitas das cida-

des têm nomes gregos e macedônicos, como Berrhoea, Edessa, Perinthus, Maronea, Callipolis, Achaia, Pella, Oropus, Amphipolis, Arethusia, Astacus, Tegea, Chalcis, Larissa, Heraea, e Apollonia; na Pértia também há Sotera, Calliope, Charis, Hecatompilos, Achaia; na Índia, Alexandropolis; na Cítia, Alexandreschata. Das vitórias de Seleuco vêm os nomes de Nicephorium na Mesopotâmia e Nicopolis na Armênia, próximo à Capadócia”.

Pode ser que algumas das fundações acima sejam mais corretamente atribuíveis aos Selúcidas posteriores (Cohen 1978:11), mas isto não é relevante ao ponto de que, aparentemente, nenhuma preferência particular parece ter sido dada à nomeação de cidades segundo Apolo ou outras divindades em geral; Apollonia é apenas mais um nome de cidade entre muitos. Existem vários exemplos na lista que segue, e os critérios de nomeação de locais de Seleuco são discutidos nas minhas conclusões.

AS COLÔNIAS E CIDADES CHAMADAS APOLLONIA

A lista inclui colônias fundadas nos séculos VIII a.C. até VI a.C., e também fundações helenísticas. Em alguns casos, os dados são insuficientes para que se possa deduzir se a cidade helenística e seu nome são “originais”, ou se ela foi fundada no local de uma colônia anterior com o mesmo nome.

Em alguns casos, por exemplo, os números 3, 14, 16, 19 e 31, abaixo, o nome apolíneo se preservou no ou próximo ao sítio original até a atualidade.

A lista não é necessariamente final; a arqueologia e a reinterpretação dos textos antigos contribuíram com algumas possibilidades adicionais à lista de Stephanus de Bizâncio e às listagens da Paulys Real-Encyclopädie, mas é provável que na compilação de 43 locais, que se segue, existam algumas duplicações, e também é possível que existam outros locais que uma vez foram chamados Apollonia, e sobre os quais não nos restaram informações.

1. Apollonia Illyrica

Esta fundação é descrita com relativo detalhamento por Stephanus de Bizâncio (número 1 de sua lista). Parece que certas tribos ilírias convidaram Corinto a fundar uma colônia no rio Aous, como uma emprei-

tada conjunta, por volta de 600 a.C. (Hammond 1982:267). Uma data de fundação no final do século VII a.C. pode ser indicada pelas descobertas arqueológicas de anos mais recentes (Kracht 1989:77). Corinto enviou duzentos homens, que depois receberam mais colonos, incluindo muitos oriundos da Córquira (Estrabão VIII, 316). Ela se tornou uma cidade predominantemente grega, nomeada Gylaceia segundo Gylax, seu fundador coríntio, e apenas posteriormente, talvez em 588 a.C., seu nome foi modificado para Apollonia. Parece provável que Corinto tenha dominado a colônia às expensas de Córquira (Graham 1983:130ss). Ela certamente prosperou, e é mencionada por muitos escritores antigos, incluindo Estrabão, que afirma que ela era “uma cidade extremamente bem governada” (VIII, 316).

Esta é a única Apollonia da qual se afirma explicitamente que foi fundada por Apolo. Uma inscrição de Olímpia, datada do século V a.C., foi lida por Pausânias (V, 22.3-4) e incluía o seguinte (traduzido por Frazer): “nós ficamos como memoriais de Apollonia, que ao lado do contiguo jônico Phoebus fundou, deus das mechas não-cortadas”. As moedas do sítio contêm a inscrição “*NERO APOLLON KTISTES*”, possivelmente outra lembrança da lenda de fundação.

Malkin sugeriu que a mudança de nome de Gylakeia para Apollonia ocorreu após oposição a Gylax ter resultado em um apelo, após a fundação, para o oráculo de Delfos arbitrar entre *oikistes* rivais. Após Gylax ter sido derrubado, ou fracassado de outro modo, o nome da colônia claramente devia ser modificado. Citando o exemplo de Thourioi, onde o próprio Apolo havia se declarado o fundador, Malkin sugere que a resposta do oráculo foi um meio-termo; Apolo seria considerado fundador e a colônia receberia o nome do deus (Malkin 1985:123-125 e 1987:86-88).

Situada em Pojani, na atual Albânia, a colônia antiga está situada próximo a um monastério, que se diz ter sido construído no local de um templo de Apolo, na colina de Sthyllas (Sestieri 1976:70).

2. *Apollonia Pontica*

Fundada conjuntamente por Mileto e Phocaea (Hammond 1986:115), esta era a cidade grega mais ao sul na costa oeste do Mar Negro (Isaac 1986:241). Stephanus de Bizâncio afirma (seu número 2) que era uma colônia fundada conjuntamente por Mileto e Rodes, mas isto não é confirmado por outras fontes. Os remanescentes cerâmicos indicam uma data de fundação no final do século VII a.C. e as fontes literá-

rias sugerem ou uma data por volta de 610 a.C., ou uma geração depois disso (Isaac 1986:242-3). Estrabão (VII, 319) escreve que a maior parte da cidade estava construída sobre uma ilha, onde havia um templo de Apolo e de onde Marcus Lucullus carregou uma estátua colossal de Apolo, um trabalho do escultor Calamis, do século V a.C..

A cidade provavelmente foi fundada como uma *apoikia* em seu próprio direito e como uma comunidade agrícola auto-suficiente, que aparentemente floresceu e começou a cunhar moedas na metade do século V a.C. (Isaac 1986:243ss). O leão simbólico de Apolo é encontrado em algumas das moedas, bem como o nome Apollonia, até o século II d.C., após o qual o nome Sozopol aparece nas cunhagens (Frova 1976:73). Moedas do século II a.C. até o século I d.C. mostram o deus Apolo Iatros, que também aparece em três inscrições (Isaac 1986:247).

Não existem evidências relativas às circunstâncias originais da fundação. Parece provável que o grande estado colonizador de Mileto consultou algum dos oráculos de Apolo (Malkin 1987:17), e provavelmente o oráculo de Didyma (Parke 1985:10-11). Entretanto, o culto de Apolo Iatros, principal deus de Apollonia Pontica, é encontrado em muitas fundações milesianas (Isaac 1986:247), e podemos especular que era esta função de Apolo, mais que a de Apolo Archegetes, que motivou a escolha do nome da colônia.

A cidade é identificada com a moderna Sozopol na Bulgária, apesar de nada da cidade antiga restar acima do solo nos dias de hoje.

3. *Apollonia Mygdonia*

Enquanto vários autores antigos, incluindo Xenofonte, Pseudo-Scylax, Demóstenes, Hegesandros, Estrabão, Tito Lívio, Plínio, Hierocles e Stephanus, todos terem se referido a colônias ou cidades macedônias chamadas Apollonia, os estudiosos atuais disputam sobre se existiam uma, duas, três ou quatro. Os argumentos foram bem expostos por M. B. Hatzopoulos, cuja principal conclusão era que Apollonia Mygdonia e Apollonia Chalcidice (veja o número 4) são a mesma cidade, localizada próxima ao lago Bolbe no norte da Grécia (Hatzopoulos 1994:177). As evidências literárias e numismáticas mostram que uma colônia floresceu neste local a partir da primeira metade do século IV a.C..

Foi sugerido que a colônia foi estabelecida por colônos calcídicos, que a nomearam em honra a Apolo, sob cuja liderança eles haviam sido levados a destruir seus lares originas na costa e migrar para o interior (West 1918:101 n. 17). A cidade aparentemente foi refundada por Filipe

II ou Alexandre o Grande, e o nome é preservado pela vila moderna de Nea Apollonia, antigamente chamada Polina, localizada um pouco para oeste do sítio antigo, conforme identificado por Hatzopoulos.

4. *Apollonia Chalcidice*

A distinção entre Apollonia Mygdonia e Apollonia Chalcidice foi feita pela primeira vez por W. M. Leake (1835:457-9; conforme citado por Hatzopoulos), baseado principalmente na evidência de Xenofonte, sugerindo uma localização calcídica próximo a Olinto (*Hellenica* V.2.11 e V.3.1). Isto se tornou a teoria aceita, e foi reafirmada por Hirschfeld (1895:114). Entretanto, tanto Hatzopoulos (1994:177) e West (1918:101-2 n. 17) concluíram que havia apenas uma Apollonia nesta área geral (número 3 acima), implicando que Xenofonte deve ser desconsiderado ou reinterpretado. H. Gaebler, que estudou a cunhagem de Apollonia na década de 1920, também defendia a opinião de que havia apenas uma Apollonia naquela região (citado por Papazoglou 1988:219 n. 36).

Por outro lado, Papazoglou distingue não menos de três Apollonias na Macedônia central (Papazoglou 1988:218ss). De qualquer maneira, as evidências citadas por estes vários pesquisadores não fornecem quaisquer pistas sobre a origem do topônimo de uma - especulativa - segunda ou terceira Apollonia nesta região.

5. *Apollonia Thraciae*

Esta foi descrita como um “local obscuro” (Isaac 1986:65), localizada, segundo Estrabão (VII, 331 frg. 33) entre as fozes dos rios Strymon e Nestos. O sítio não foi identificado, levando à sugestão de que pode ter sido confundido com Apollonia Mygdonia (Hirschfeld 1895:114). Entretanto, mais recentemente, se defendeu que este é o sítio listado como número 22 por Stephanus de Bizâncio, e posteriormente destruído por Filipe II (Hatzopoulos 1984:170). Não há qualquer pista quanto à origem do topônimo.

6. *Apollonia (Athos)*

A única fonte literária para uma Apollonia no Monte Athos peninsular é Plínio (*NH* IV, 37-8), que adicionou que os habitantes eram chamados “Macrobii” (de longa vida). Se defendeu que esta cidade jamais existiu (Papazoglou 1986:33-36). Não há evidência qualquer quanto à sua origem ou topônimo.

7. Apollonia (costa norte de Creta)

De acordo com Stephanus de Bizâncio (seu número 6), esta Apollonia estava localizada próximo a Cnossos. A questão do local exato tem sido estudada extensiva e inconclusivamente, muito pouca luz sendo conseguida sobre as origens do local e seu nome (Kirsten 1940:39-43).

8. Apollonia (costa sudoeste de Creta)

Este sítio também foi mencionado por Stephanus (seu número 23), e estava localizado entre Lamon e Phoenix (Hirschfeld 1895:114-5). A localização precisa não foi identificada, nem existe pista alguma quanto à origem do topônimo.

9. Apollonia (Creta central-norte)

A possibilidade de uma terceira Apollonia cretense, localizada próxima a Eleutherna, pode ter sido sugerida por Bürchner (1903:109). Entretanto, parece provável que isso não é mais que consequência de interpretações divergentes das fontes, e que os dois lugares mencionados por Stephanus são as duas únicas Apollonias “conhecidas” em Creta.

10. Apollonia (Acarmania)

Além da referência de Stephanus (seu número 5) a uma Apollonia localizada numa ilha próximo ao estuário do rio Achelous, no sudoeste da Acarnania. Não há informação alguma sobre este sítio não-identificado.

11. Apollonia (Etólia)

Existe uma única referência em Tito Lívio (XXVIII, 8, 9) a uma fortificação chamada Apollonia no sudeste da Etólia. O sítio não foi identificado, mas possivelmente estava localizado na costa, próximo a Erythrai (Oldfather 1918:133).

12. Apollonia (Phocis)

De acordo com Stephanus (seu número 11), a cidade chamada Kyparissos na Ilíada (II, 519) foi depois renomeada Apollonia. A localização logo a leste de Delfos é a única indicação, apesar de sua probabilidade, de uma relação direta entre o nome do local e o oráculo apolíneo.

13. *Apollonia (Troezenia)*

A referência de Stephanus à cidade de Troezen (*Ethnika* 639) inclui a observação de que ela foi antes chamada Apollonia. O templo principal e mais antigo de Troezen era dedicado a *Apollo Thearios* (Pausanias, II, 31.6; Meyer 1939:649). Pode-se especular que este epíteto é a conexão com o topônimo, ao invés de se supor qualquer ligação primária com Apolo, o deus das fundações de colônias.

14. *Apollonia (Siphnos)*

Stephanus (seu número 19) é a única fonte histórica para a existência de uma Apollonia antiga na ilha cicládica de Siphnos. Moedas de Siphnos evidenciam um culto apolíneo na ilha, possivelmente o de *Apollo Enagros* (Bürchner 1927:267). O que é claro é que os sifnianos tornaram-se suficientemente ricos, com suas minas de ouro e prata, para criar um dos tesouros mais opulentos em Delfos (Forrest 1982:260). Não podemos inferir com certeza, a partir deste ato pós-fundacional, que o oráculo de Delfos tenha sido importante na colonização da ilha, embora essa possibilidade exista. Também é provável que o assentamento foi influenciado por Apolo de Delos, apesar de não haver existido um oráculo lá. O sítio da antiga Apollonia ainda precisa ser identificado, mas é razoável supor que se encontre na região da cidade atual de Apollonia. De todos os locais tratados neste estudo, esta é a única cidade “viva” ainda chamada Apollonia.

15. *Apollonia (Bithynia)*

Arrianus (Per. P. E. 13) descreve uma pequena ilha chamada Apollonia, com um porto, no Mar Negro, a oeste do estuário do rio Sangarios, na costa norte da Bithynia. Plínio (*NH* VI, 32) afirma que a ilha de Apollonia era chamada Thynias, para distingui-la de Apollonia Pontica (ver número 2 acima). Outras fontes (Anon. Per. P. E. 6, Ptolomeu V.1.15) dizem que ela era chamada Daphne ou Daphnusia. O nome atual é Kefken.

De acordo com Cramer (1832:199), citando a *Argonautica* de Apollonius, Thynias era o nome antigo, que depois foi trocado pelo da divindade (Apolo) lá cultuado. Se foi assim, podemos especular que esta foi uma das várias colônias de Mileto na região, e que, como na sua homônima Apollonia Pontica, o culto popular milésio de *Apollo Iatros* também foi importante lá. Da mesma maneira, de Apolo de Didyma foi o

oráculo consultado para a fundação milésia próxima de Apollonia Rhyndacia, na Bithynia, talvez este oráculo também tenha participado desta fundação.

16. Apollonia Rhyndacia

Localizada no Lago Apolloniatis (Estrabão XII, 575), no rio Rhyn-dakos na Propôntide. O sítio é hoje chamado Abulliont, preservando o nome antigo. A primeira referência literária é do século I a.C. (Plutarco, *Lucullus* 11). Stephanus a situa na Mísia (seu número 9), mas é certamente dentro da Bithynia. Um templo a Apolo provavelmente foi construído dentro das muralhas, que parecem ser principalmente do período romano tardio (Hasluck 1910:69-70). A partir de uma inscrição encontrada em Mileto, parece que a colônia original foi fundada por Mileto sob os auspícios de Apolo de Didyma (Jones 1971:36). Pode ter sido um território subordinado a Cyzicus, que foi fundada por Mileto em 756 a.C., aparentemente dirigida por um oráculo de Apolo (Hasluck 1910:163), e refundada em 676 a.C. (Hammond 1986:657). Existem moedas de Apollonia tão cedo quanto 450 a.C.

De acordo com Hammond (1986:113), Apolo de Didyma era considerado *archegetes* desta Apollonia. Entretanto, a cidade certamente floresceu sob os Atálidas e alguns sugeriram que foi uma fundação helênística. Numa tentativa de reconciliar as evidências conflitantes, Jones (1971:36-37) levantou a hipótese de que Apollonia era uma antiga colônia milésia, mas que recebeu este nome dos Atálidas. Pesquisas mais recentes sugeriram que ela foi provavelmente uma fundação dos Atálidas de Pérgamo no século II a.C., nomeada segundo Apollonis, mãe de Attalus II (Abmeier 1990:1-16).

17. Apollonis

Este é provavelmente o sítio listado por Stephanus de Bizâncio como seu número 16. Os estudiosos encontram-se aqui num raro consenso, baseado em moedas e outras evidências, de que esta foi uma fundação de Pérgamo de Eumenes II (197-160 a.C.), nomeada segundo sua mãe a rainha Apollonis (esposa de Attalus I e também mãe de Attalus II). Estrabão afirma isso explicitamente (XIII, 625). Já se afirmou que esta é a única cidade nomeada segundo esta dama de Cyzicus (Robert 1935:32 n. 1), mas outros estudos discordam (veja os números 16, 20, 21 e 27). Localizada, segundo Estrabão, a meio caminho entre Sardes e

Pérgamo, as ruínas de fortificações helenísticas estão preservadas numa colina a norte da atual Mecidiye, antes Palamut. No sítio, ou próximo a ele, havia aparentemente uma colônia macedônia, chamada Doidye, fundada pelos selêucidas na metade do século III a.C. (Ramsey 1890:126).

18. Apollonia (Lydia)

Não há um candidato óbvio para a peculiar referência de Stephanus (seu número 10) a uma Apollonia na área de “Thyateira e Éfeso”. Robert estava convencido de que Stephanus havia compreendido erroneamente uma segunda referência de Estrabão a Apollonis (cf. Estrabão XIV, 646 e o número 17 acima), e que isto explica o absurdo geográfico de Stephanus (Robert 1935:41-42). Entretanto, não podemos descontar a possibilidade de outras explicações, e de que Stephanus tinha um local totalmente diferente em mente.

19. Apollonos Hieron

Evidentemente em sua origem uma vila de templo (Jones 1971:80), esta era uma cidade lídia que cunhava moedas imperiais. Estava situada, de acordo com Plínio (*NH* V, 111) dentro do *conventus* judicial de Sardes, próximo à nascente do rio Cogamis, possivelmente entre Filadélfia e Laodicéia (Ramsey 1890:123-4), e possivelmente no ou próximo ao sítio da moderna Bulladan, que aparentemente mantém o nome antigo (Ramsay 1895/7: 194). Não existem evidências relativas à origem do topônimo.

20. Apollonia (Mysia)

Localizada num local elevado a leste de Pérgamo (Estrabão XIII, 625), esta é o número 8 de Stephanus. Pode ter sido uma refundação feita por Pérgamo no sítio de uma colônia macedônia-selêucida chamada Nakrasa, e que depois retornou ao nome antigo. Se é de Pérgamo, pode ser mais um exemplo de uma cidade nomeada segundo a rainha Apollonis (cf. Ramsay 1890:44).

21. Apollonia (Troas)

Uma única fonte (Plínio, *NH* V, 123) afirma que Apollonia era outro nome para Assos, na Trôade. Assos é um sítio antigo, ocupado desde antes de 1000 a.C.. No século III a.C. ela se tornou parte do reino de Pér-

gamo, e foi sugerido que o nome alternativo date do período atálica, sendo mais um exemplo de um local nomeado segundo a esposa de Attalus I (Bürchner 1896:1748).

22. *Apollonia Cariae*

Localizada a nordeste de Tabai, este sítio normalmente é mencionado como Apollonia de Salbace, a montanha que domina a região. Existem algumas referências literárias (cf. Plínio *NH* V, 109), mas estas não ajudam na questão de sua localização, origens ou nome. A análise das inscrições e moedas provou que a vila atual de Medet é o sítio da cidade antiga. As moedas indicam um culto apolíneo local com pouca ou nenhuma influência nativa; a impressão é de uma fundação selêucida, possivelmente atribuível a Seleuco I ou Antíoco I, que manteve um caráter puramente grego, numa região que se tornou helenizada (Robert 1954:235-312). Acredita-se que a maioria das cidades da Cária eram clientes do oráculo de Didyma (Robert 1954:329), mas não há evidência de um apoio oracular à fundação original. No que concerne ao nome da cidade, se ela de fato foi de origem selêucida, então minhas observações e conclusões gerais quanto aos topônimos selêucidas (veja abaixo) podem ser aplicáveis.

23. *Apollonia ad Maeandrum*

Hoje é geralmente aceito, com base principalmente nas moedas de Apollonia cunhadas a partir do período de Augusto e contendo o símbolo de um meandro, que Apollonia era o nome helenístico para Trípoli no rio Meandro (Robert 1954:241). Pensa-se assim apesar do fato de que nenhum texto antigo mencione um nome alternativo. Propôs-se que esta é na verdade a Apollonia Lídia de Stephanus - seu número 16 - e não Apollonis (veja o número 17 acima) (Robert 1935:41, Moretti 1979:297). Moretti também sugeriu que, baseado em sua interpretação de um decreto de Quios, Apollonia foi fundada não depois do começo do século III a.C., possivelmente pelos selêucidas, mas talvez antes, sendo uma fundação mais antiga de origens milésias, como Apollonia Rhyndacia (Moretti 1979:300). Robert também aceita que Apollonia ad Maeandrum pode ter sido uma fundação velho-jônica ou milésia (Robert 1983:501); se assim, podemos novamente especular sobre o papel de Apolo Iatros e/ou do oráculo apolíneo de Didyma na sua fundação original.

24. *Apollonia (Lícia I)*

Stephanus de Bizâncio inclui na sua lista (número 20) uma ilha chamada Apollonia, na costa na Lícia. Trata-se talvez da ilha de Alimetaria, a sudoeste de Aperlai (Ruge 1903:109). A não ser que Stephanus tenha errado em sua descrição, este sítio é diferente do número 25 abaixo. Não existem informações sobre sua origem ou razão do topônimo.

25. *Apollonia (Lícia II)*

Não é mencionada por nenhum autor antigo (a não ser que seja a Apollonia da Lícia, em cujo caso Stephanus errou ao considerá-la uma ilha). Este sítio é identificado por inscrições em Kilinçh, antes Siçak, que está situada numa ilha a norte de Aperlai, a leste de Kaþ. Uma rara moeda, com a inscrição AÐO, indica que em algum momento foi uma cidade independente. O nome lício original é desconhecido. Ela aparentemente foi renomeada em algum momento, mas não existem evidências quanto à data e às circunstâncias de tal evento.

26. *Apollonia Phrygia (Pisídia)*

Mencionada, entre outros, por Estrabão (XII, 576) e Stephanus (seus números 17 e 18), esta colônia estava localizada entre Apaméia e Antióquia na Pisídia, e seu nome anterior (frígio) era Mordiaeum. A partir de uma inscrição, parece ter sido um estabelecimento antigo fundado por colonos saídos de uma colônia trácia na Lídia (Arundell 1834:245). Moedas desta área foram interpretadas originalmente para mostrar que a cidade fora fundada por Alexandre o Grande, mas agora se acredita que elas são atribuíveis a Alexandre Severo (Hirschfeld 1895:116) ou a uma família local importante que se chamava Alexandre (Rebuffat 1986:65ss). Uma teoria é de que foi uma fundação de Pérgamo; sua localização indefensável numa planície aberta é característica destas fundações (Ramsey 1890:86). Se assim, foi nomeada segundo Apollonis, a mãe de Eumenes II (Hirschfeld 1895:116). Defende-se em geral que esta Apollonia é identificável com a moderna Oloubourlu (Hirschfeld 1895:116). Entretanto, Ramsey pensou que Apollonia pode ter sido construída no local da colônia selêucida de Seleucéia, foi abandonada durante o século IV d.C., e que Oloubourlu foi então construída numa localização diferente numa colina a sul (Ramsey 1890:401).

Estas teorias conflitantes provavelmente foram solucionadas pela publicação de uma inscrição (SEG VI, 592), a partir da qual fica claro

que Seleuco I fundou a cidade (Jones 1971:127), e é provável que ele a tenha nomeado segundo os princípios selêucidas discutidos em outro momento neste estudo. Não era um estabelecimento novo, mas uma re-fundação no sítio da Mordiaem de Stephanus. No período bizantino, Apollonia foi renomeada Sozopolis (Jones 1971:139), e esta parece de fato ser o sítio da moderna Oloubourlu.

27. *Apollonieis*

Não era estritamente uma colônia ou uma cidade, este era o campo ático do clã atálica, renomeado (de acordo com Milchhöfer 1895:116) segundo a rainha Apollonis, mulher de Attalus I. É listada por Stephanus separadamente de sua lista de 25 Apollonias. A localização é desconhecida.

28. *Apollonia Sicilia*

Esta colônia pode ter sido uma fundação original grega ou uma cidade sikel renomeada. É listada por Stephanus como o número 7, e ele a localiza entre Halontion e Kalakta. No século IV a.C., ela era dominada por Leptines, tirano de Engyon, e foi tornada autônoma por Timoleon após a derrota de Leptines (Diodoro XVI, 72). Em relação ao nome, a similaridade deste com o rio Pollina local sugere que a colônia foi nomeada segundo uma característica topográfica, da maneira sugerida por Platão (veja acima). A este respeito, podemos comparar outra colônia da Sicília, Gela, que em algum momento tomou o nome do rio Gela próximo.² Entretanto, agora se considera provável que Apollonia estava situada cerca de 40 km mais a leste, numa colina acima de San Fratello, onde as ruínas de uma cidade antiga ainda estão visíveis. É, portanto, mais provável que esta Apollonia tenha tomado seu nome diretamente de *Apollo Archegetes* (cf. Tucídides 6.3.1), que não apenas era o patrono da Naxos próxima, mas que também pode ter sido o patrono comum da Sicília helênica (Freeman 1891:326). Entretanto, a sugestão de Freeman (1891:144), de que esta era uma colônia sikel que deliberadamente escolheu o nome do deus dos gregos colonizadores para tomar os deuses do inimigo, parece um pouco radical.

Naxos foi uma das mais antigas colônias gregas, fundada em 734 a.C., e pode ser que Apollonia Sicilia seja de antigüidade similar.

29. *Apollonia (Síria)*

Stephanus lista uma Apollonia (seu número 20) próximo à Apaméia na Síria, de cuja cidade aparentemente dependia (Estrabão XVI, 752). A

localização exata não é conhecida. Como está localizada fora das regiões primárias colonizadas pelos gregos no período arcaico, podemos assumir que tenha sido uma fundação helenística. Apaméia era uma das quatro grandes cidades da tetrápolis de Seleuco I (Jones 1971:242), e esta Apollonia pode bem ter sido um dos estabelecimentos de Nicator mencionados por Apiano (XI, 9, 57).

30. *Apollonia (Celesíria)*

Esta é o número 12 de Stephanus e outro sítio que ainda não foi identificado. Podemos especular que tenha sido uma fundação selêucida, similar ao número 29.

31. *Apollonia Palaestina*

Conhecida atualmente como Apollonia-Arsuf, esta cidade costeira entre Jaffa e Cesaréia aparece como a Apollonia número 13 na lista de Stephanus, e é mencionada, como Apollonia, por outros autores antigos, incluindo Plínio (*NH* V, 14, 69) e Josefo (*BJ* I, 166). Ela foi identificada pela primeira vez com a moderna Arsuf por Reland, no século XVIII (1714:569-570).

As origens do topônimo foram pesquisadas por Clermont-Ganneau, que notou que Arsuf pode ser a Reseph mencionada como uma dos descendentes de Efraim em *I Crônicas* VI, 20-29. Ele também foi o primeiro a notar que o nome Arsuf é provavelmente idêntico com o do deus fenício Reseph, e que, baseando-se em inscrições bilíngües cipriotas, Reseph era identificado com o deus grego Apolo (Clermont-Ganneau 1896a:260). Clermont-Ganneau implicou que esta era a razão pela qual a cidade recebeu o nome Apollonia sob os selêucidas, mas, entretanto, inexiste qualquer evidência real de que esta foi uma das cidades refundadas ou renomeadas por Seleuco I Nicator (veja o número 29 acima). Também não existem evidências que a relacionem com o general selêucida Apollonius (Roll & Tal no prelo: Cap. 1). Pode ser simplesmente devido a que, no período helenístico, o deus principal da cidade passou a ser Apolo, e o nome foi então modificado de acordo (Tcherikover 1959:93).

Parece certo que este também é o sítio da Sozusa bizantina, apesar do fato de que Stephanus lista Apollonia e Sozusa separadamente e apesar de outras possíveis anomalias toponímicas apontadas por Clermont-Ganneau (1896b:338-9). Esta identificação hoje é aceita quase univer-

salmente, e é validada, *inter alia*, por um evento descrito nas *Expugnationes Hierosolymae AD 614*, que ocorreu, de acordo com o texto geórgico, em “Sozos”, e segundo o texto árabe em “Arsuf” (Roll & Tal, 1999). Também existem pelo menos três outros exemplos desta troca particular de nomes (veja os números 2, 26 e 35).

A reversão ao nome Arsuf no período árabe antigo parece ser o resultado de sua sobrevivência entre a população local, apesar de vários séculos de desuso oficial (cf. Jones 1971:230, Cohen 1978:3). Este foi o nome adotado pelos cruzados (“Arsur”), e a forma Arsuf permaneceu em uso até a era moderna.

Enquanto a identificação de Arsuf com a Apollonia helenístico-romana não está em dúvida, Apollonia não cunhou moedas, e as escavações arqueológicas ainda não foram centradas na busca de evidências de um culto apolíneo lá.

32. *Apollonia (Mesopotamia)*

Esta é mais uma cidade não-identificada, listada por Stephanus como seu número 14. Ela possivelmente estava localizada no rio Sirwan (Grant 1971:40 e index). Em virtude de sua localização na área geográfica geral da Mesopotâmia ou sudoeste da Média, foi quase certamente uma fundação selêucida - veja o número 29 acima.

Pode-se especular que este poderia ser um caso de Stephanus interpretando erroneamente suas fontes, e de que este local é idêntico ao seu número 25, Apollonia (Assíria). Entretanto, o mesmo poderia ser dito sobre outros exemplos dependentes de uma única fonte nesta compilação, e na realidade não existe base para esta especulação.

33. *Apollonia (Assíria)*

Stephanus lista uma Apollonia (seu número 25) “entre Babilônia e Susa”. Parece ter sido o nome de uma região e não apenas de uma cidade, antes chamada Sitacene e depois Apolloniatis (Estrabão XV, 732 e cf. Políbio V, 43ss). Ainda não localizada com precisão, este é seguramente outro topônimo do período selêucida. Veja o número 29 acima.

34. *Apollonos Hieron*

Este local é listado por Ptolomeu (*Geografia* IV.3.6) em sua descrição da costa norte da Tunísia, entre Thabraca e Hippo Diarrhytus. É possivelmente identificável com o atual Cap Serrat ou Ras el-Munschihar

(Schmidt 1895:164). Evidentemente incluía um templo de Apolo, mas não existem pistas relativas à origem do topônimo.

35. *Apollonia Cirenaica*

A cidade de Cirene, a alguns 20 km do mar, foi fundada por colonos de Thera por volta de 630 a.C. (Hammond 1986:121), supostamente seguindo as instruções do oráculo de Delfos, que também pode ter escolhido o nome da colônia (Diodoro 8.29.1). Seu porto de Apollonia provavelmente foi estabelecido por colonos de Cirene tão cedo quanto 560 a.C. (Hammond 1986:660). A existência antiga do porto é evidenciada por fragmentos de cerâmica (Boardman 1980:157), e ele pode ter sido nomeado pelos colonos em agradecimento ao deus que dirigira a fundação de Cirene. Ela foi descrita por Estrabão (XVII, 837) como o posto naval dos cirenenses e como uma das dependências de Cirene. Ela aparece como o número 15 da lista de Stephanus de Bizâncio.

Os estudiosos divergem quanto à data em que o porto adquiriu status de cidade independente. De acordo com Laronde (1985:100), a falta de muralhas pré-helenísticas prova que isto não pode ter ocorrido antes do fim do século IV a.C. A descrição da campanha de Thibron no final do século IV a.C. (Diodoro XVIII, 20) inclui várias referências ao porto, mas quando ele ainda aparentemente estava politicamente subordinado a Cirene. Uma inscrição da segunda metade do século IV a.C. documenta a dedicatória a Apolo Soter (Goodchild et. al. 1976:15), mas Jones argumentou que foi provavelmente Demophanes e Ecdemus/Ecdelus que, por volta de 250 a.C., levantaram o porto de Cirene ao status de uma cidade separada e lhe deram o nome de Apollonia. Jones considerava improvável que Ptolomeu III tivesse dado um nome tão comum como Apollonia a uma nova fundação (Jones 1971:357-8). Por outro lado, a munificência do futuro Ptolomeu VIII enquanto governador da Cirenaica, e auto-nomeado sacerdote de Apolo, na metade do século II a.C. (cf. Chamoux 1985:143, Laronde 1992a:12), pode razoavelmente ter se estendido à concessão de status de cidade e o nome apolíneo ao porto de Cirene (cf. Laronde 1985:107-9).

O fato é que o nome Apollonia não pode ser encontrado antes de uma inscrição de 67 a.C., implicando que era naquele momento uma cidade independente (Jones 1971:357). As análises estratigráficas mais recentes têm indicado que as fortificações de Apollonia foram construídas em 140-90 a.C. (Garlan 1992:68), e Laronde agora acredita, baseado principalmente nestas evidências, que o porto não poderia ter alcan-

çado o status de cidade antes do primeiro quartel do século I a.C. (Laronde 1992b:58). Entretanto, mesmo assim, e apesar da falta de evidências literárias e epigráficas, não parece inconcebível que o nome Apollonia para o porto de Cirene data de um período anterior à sua elevação a cidade. De qualquer maneira, parece provável que a escolha do nome, seja qual tenha sido a data em que foi dado, reflete o papel de Apolo na fundação da cidade-mãe.

Apollonia seria posteriormente reconhecida como uma das cinco cidades da Pentápolis romana, e tornou-se capital provincial no século VI d.C.. Foi renomeada Sozusa na era cristã, e este nome tardio sobrevive no topônimo moderno de Marsa Susa.

36. Apollonia (Líbia)

Não existem referências que apóiem o número 4 de Stephanus, uma cidade na Líbia. Pode-se especular que o norte da África e a colônia líbia de Apollonia Cirenaica eram mais bem conhecidas para Stephanus do que, por exemplo, a Mesopotâmia. Se assim, é menos provável que este segundo local líbio seja um exemplo de Stephanus ter duplicado lugares em virtude de má-interpretação de suas fontes, e aumenta a probabilidade de que este era um local genuíno, e desconhecido para nós atualmente.

37. Apollonos (Líbia)

Stephanus se refere a uma ilha chamada Apollonos, na Líbia. Não existem outras referências a tal sítio e nem pistas relativas à sua origem. Veja os comentários do número 36 acima.

38. Apollonia (Egito)

O assim chamado Geógrafo de Ravena lista uma cidade chamada Apollonia no Egito, aparentemente na região do Delta (Geog. Rav. 132, 21). Esta pode ser o número 24 de Stephanus; a atribuição deste número a Apollinopolis Magna (Pietschmann 1895:117) parece estar errada, já que esta última é listada separadamente por Stephanus. Não temos outras informações sobre ela.

39. Apollinopolis Magna (Egito)

Descrita por Stephanus como a “maior” *Apollonos Polis* das cidades assim denominadas no Egito, é mencionada em várias outras fontes,

incluindo Estrabão (XVII, 817). Conhecida atualmente como Idfu, está localizada 105 km ao sul de Tebas, no lado oeste do Nilo. Era a capital do segundo nomo do Alto Egito, e o trono do deus Hórus, que os gregos identificavam com Apolo; daí o topônimo (Shenouda 1976:70).

40. *Apollinopolis Minoris (Egito)*

Esta é mencionada por Stephanus como a “menor” *Apollonos Polis* no Egito. Estava localizada no nomo de Hypselis (Tebas) no lado oeste do Nilo, possivelmente no local da atual Sedfe, e nomeada como outras no Egito em associação sincrética com o deus Hórus (Pietschmann 1894:2847).

41. *Apollinopolis Heptacomias (Egito)*

Mencionada por Estrabão (XVII, 815) como outra *Apollonos Polis*, esta cidade estava localizada no nomo de Koptos, no Alto Egito, e é a terceira nomeada segundo o culto de Hórus (Pietschmann 1894:2847).

42. *Apollinis Hydreuma (Egito)*

Mencionada por Plínio (VI, 102), e chamada *Apollonos* pelo Geógrafo de Ravena (59, 10) e outros, esta era uma estação de passagem na estrada pelo deserto de Koptos a Berenice, atual Wadi Hafeiri (Pietschmann 1894:2846). A origem do topônimo não é conhecida.

43. *Apollinopolis (Etiópiá)*

Tanto Plínio (*Apollonis* - NH VI, 189) e Stephanus (*Apollonos Polis*) mencionam um local no leste da Etiópiá, que é possivelmente a quarta a ser nomeada pela associação com o deus Hórus.

ANÁLISE ESTATÍSTICA E COMPARATIVA DOS TOPÔNIMOS

– na lista de Leschhorn de 224 locais fundados por deuses, heróis ou personagens míticos gregos, existem 28 casos de uma tradição identificando Apolo como o fundador (*archegetes*, *oikistes* ou *ktystes*) (Leschhorn 1984:360ss) (cf. Parke & Wormell 1956:66).

– destes 28 locais dos quais Apolo é considerado o fundador, apenas um (*Apollonia Illyrica*) tem o seu nome.

– em pelo menos um caso (Apollonia Pontica) e possivelmente outros, existe base para a especulação de que o nome pode derivar de um epíteto apolíneo diferente.

– da lista de Hammond de 159 colônias fundadas entre os séculos VIII e VI a.C., apenas quatro foram nomeadas segundo Apolo (veja acima os números 1, 2 16 e 35) (Hammond 1986:657ss). Destas quatro, em apenas um caso (Apollonia Illyrica) existe evidência de que tenha sido fundada como conseqüência de uma resposta oracular.

– da lista de Leschhorn de 66 personagens históricos dos quais se sabe fundaram colônias pré-clássicas ou cidades helenísticas, nenhum escolheu o nome Apollonia (mas veja os exemplos de Seleuco I Nicator per Apiano XI, 9, 57).

– dos 43 locais que trazem uma forma do nome Apolo, apenas de um (Apollonia Illyrica) explicitamente se afirma ter sido fundado pelo próprio deus, isto é, em apenas um caso o mito de fundação chegou até nós.

– em menos de metade destes locais existe algum tipo de informação relativo à origem da fundação e daí talvez alguma pista em relação à origem do topônimo.

– nenhum decreto de fundação apolíneo (cf. Cirene - Graham 1983:224-6) sobreviveu.

– nenhuma resposta oracular sobre a fundação sobreviveu para qualquer das colônias apolíneas.

– a localização geográfica dos sítios não parece sugerir base alguma para a escolha do topônimo, apesar de que grande distância da cidade-mãe, ou um *oikistes* se vendo como forçado pelas circunstâncias a deixar seu país natal, podem, em alguns casos, ser relacionados ao mito de Apolo, o exilado (cf. Detienne 1990:303).

– dos 43 locais aparentemente trazendo o nome de Apolo, cinco parecem ter sido nomeados durante o período helenístico como resultado da identificação de um deus local com Apolo (Apollonia Palaestina e as cidades egípcias de Apollinopolis).

– destes 43 locais, pelo menos um e talvez mais foram fundações de Pérgamo nomeadas segundo Apollonis, esposa de Attalus I e mãe de Eumenes II e Attalus II (números 17 e possivelmente 16, 20, 21 e 27). Em um caso, o sítio pode ter sido nomeado segundo uma característica geográfica local (número 28). Em outras palavras, nestes casos não há conexão direta entre o topônimo e o deus Apolo.

– os nomes de quatro cidades chamadas Apollonia foram modificados no período bizantino para Sozusa, Sozopol ou Sozopolis (números 2, 26, 31 e 35).

– apesar de na maioria dos casos não haver evidências para a data da fundação original, parece ter havido um claro aumento no uso do nome Apollonia no período helenístico, e isto apesar do declínio da influência de Delfos. Esta impressão é corroborada pelo mapa mostrando a distribuição geográfica dos sítios em questão; existem bem poucos locais chamados Apollonia naquelas regiões que sentiram o impacto principal da colonização grega na era pré-clássica; apenas um na Itália do Sul/Sicília, e poucos nas regiões costeiras preferenciais em outras áreas. Ao contrário, a maioria dos sítios apolíneos no mapa são dentro do continente, e vários são em regiões das quais não se sabe terem sido influenciadas pela cultura grega antes de Alexandre.

CONCLUSÕES

Pouco é conhecido sobre a maioria dos locais em questão, as origens de todos eles são obscuras, e as localizações de alguns deles são completamente desconhecidas. Isto não é uma boa base a partir da qual deduzir conclusões gerais.

Os estudiosos tenderam a atribuir o nome da maioria das Apollonias na Ásia Menor à rainha atálica Apollonis; apesar deste ser claramente o caso no exemplo da própria Apollonis (veja o número 17), a tendência pode ser devido à falta de alguma teoria melhor. A idéia foi repetidamente atacada por Robert, que defende que Apollonis foi o único local nomeado segundo a rainha (1935:32, 1954:259).

Da mesma maneira, podemos ficar tentados a culpar as fontes antigas pela nossa inabilidade de localizar um sítio ou compreender suas origens. Stephanus de Bizâncio quase certamente estava trabalhando com dados incompletos, da mesma maneira que nós hoje, ele aparentemente não era nenhum geógrafo e ele pode ter sido pouco discriminativo em separar fatos de conjecturas. Se ele estava errado quanto à Lídia (veja o número 18), é razoável especular que ele também estava errado ou foi descuidado em relação à Lícia (número 24), Mesopotâmia (número 32), África do Norte (número 36) ou outros locais?

Enquanto enfatizamos os perigos de conclusões baseadas em tantas conjecturas, ainda assim se sugere que havia sete categorias de critérios possíveis de escolha de topônimos; dois, no qual o nome era determinado por um oráculo, e cinco, no qual o nome era determinado pelo *oikistes* da *apoikia* ou pela pessoa que fundava/refundava a cidade no período pós-clássico:

Decisão oracular

1. Apesar da falta de quaisquer evidências específicas, é razoável assumir que pode ter havido casos individuais de respostas oraculares ordenando o uso do nome Apollonia, como pode ter ocorrido em Cirene.

2. A proposta de Malkin (1987:86-88), referindo-se à Apollonia Illyrica, é bem argumentada; o fundador oficial (o próprio Apolo) foi provavelmente determinado pelo oráculo, depois da fundação, como um acordo que se seguiu à disputas sobre quem devia ser o *oikistes* designado. Certamente houve a necessidade de mudar o nome Gylakeia e é inteiramente possível que a escolha do nome de Apolo fosse parte do acordo. Entretanto, já que, como o próprio Malkin sugere, isto foi provavelmente uma solução de último caso, não é provável que tenha sido um modelo aplicado com frequência. Além disso, já se mostrou que, em pelo menos 27 outros casos, não havia relação entre Apolo ser considerado ou designado como *oikistes* e a escolha do nome da *apoikia*.

Decisão do fundador

3. O nome "Apollonia" foi às vezes escolhido por um fundador, que queria honrar o deus que havia sido patrono da expedição de colonização (*Apollo Archegetes/Ktystes/Oikistes*).

4. É possível que algumas colônias tenham sido nomeadas em referência a *Apollo Soter/Iatros/Thearios* ou outro epíteto. Isto pode ter ocorrido se o *oikistes* ou sua expedição passaram por dificuldades, ou se este era um culto popular na cidade-mãe fundadora (como no caso de Mileto - cf. Isaac 1986:247).

5. É provável que o uso helenístico do nome Apollonia, na maioria dos casos, apenas refletisse uma tradição associando Apolo com a fundação de novas cidades, ao invés de como consequência de uma autoridade oracular específica de estabelecer uma cidade. Em alguns casos, o nome pode ter sido escolhido ou modificado após Apolo ter se tornado o principal deus da cidade, ou simplesmente porque ele lembrava uma cidade de Apollonia estabelecida, e provavelmente próspera, em outro local. Em relação aos selêucidas, veja abaixo.

6. O nome foi escolhido pelo fundador porque o deus Apolo foi identificado com um deus local que estivera anteriormente associado ao sítio. Em alguns casos, essa identificação pode ter sido bem arbitrária (Jones 1971:298).

7. O nome não está diretamente relacionado ao próprio Apolo, mas sim a algum outro personagem, por exemplo, a rainha Apollonis de Pér-

gamo. Não parece sábio ser tão categórico quanto Robert, e é melhor aceitar a possibilidade de mais de um exemplo, sem tentarmos realizar uma contagem mais definitiva.

Uma exceção possível a qualquer das motivações acima pode ser Apollonia Sicilia (número 28), se a interpretação (questionável) de que ela foi nomeada segundo um rio local estiver de fato correta.

A resposta à questão de por que, se Apolo era o patrono divino da expedição de colonização em quase todos os casos, tão poucos *oikistes* escolheram nomear sua colônia segundo ele, provavelmente está relacionada à função colonizadora do oráculo de Delfos. Os estudiosos discutiram se o oráculo encorajava de fato a colonização e se seu papel era ativo ou apenas reativo. Eu me inclino a concordar com Malkin (1987:88), que Delfos não estava engajado no imperialismo ou na propagação de Apolo como fundador. A percepção provável da maioria dos colonizadores gregos era que, se se obtivesse a sanção do deus e se continuasse a honrá-lo, *inter alia*, pela construção de um santuário apolínico na nova colônia, não havia exigência alguma de se nomear a colônia segundo ele, e nenhum medo de se insultar o deus caso isso não fosse feito. Num número bem pequeno de casos de fundação, o *oikistes* tomou uma decisão pessoal de denominar a colônia Apollonia; seu motivo pode ter sido sua devoção especial a Apolo, ou medo de ofender o deus, utilidade política se havia uma disputa em relação ao nome entre os colonos, ou alguma outra circunstância especial. Em outras palavras, era a exceção, e certamente não a regra.

Em relação aos outros oráculos apolínicos, Cícero não mencionou Didyma como uma fonte de autoridade oracular para a colonização. Hammond (1986:113) afirma como um fato de que Apolo de Didyma era considerado *archegetes* de Apollonia Rhyndacia e podemos aceitar a probabilidade, como sugerido por Parke (1985:10-11), de que Didyma fosse o oráculo-guia para outras fundações milésias.

Enquanto neste período mais antigo era provavelmente axiomático que qualquer colônia devesse ter aprovação divina, foi apontado que isto não necessariamente significa apoio oracular; um sacrifício aos deuses locais poderia ter sido suficiente (Forrest 1957:173 n. 6). Evidências em relação a esta prática dificilmente sobreviveram, mas é bem possível que a virtual universalidade da consulta ao oráculo, implicada por Cícero e outros, deva ser questionada.

No período helenístico, a influência de Delfos diminuiu, mas houve um aumento no uso do nome de Apolo para fundações ou refundações de cidades, especialmente na Ásia Menor e no Oriente Próximo.

Isto pode refletir a ascensão de Didyma após a iniciativa de Alexandre de refundar o oráculo lá. Os selêucidas acreditavam ser descendentes de Apolo (Walbank 1984:85), e o deus ou seu símbolo de âncora aparece em grande parte de sua cunhagem. Eles mantinham uma ligação específica com o santuário de Apolo em Didyma (Musti 1984:207). Entretanto, a responsabilidade por uma nova fundação estava com o governador local (Cohen 1978:22), e não existem evidências de que os selêucidas tenham consultado o oráculo de Didyma antes de estabelecer suas colônias ou cidades. Seguindo a lista de Apiano das cidades fundadas por Seleuco I, o nome Apollonia era apenas um entre vários topônimos favorecidos, e talvez reflita pouco mais além de uma decisão ocasional de utilizar um topônimo tradicional associado ao fundador divino da dinastia selêucida.

Quanto aos atálidas, enquanto não queremos ir ao extremo oposto ao de Robert (veja acima), não podemos ter certeza se qualquer uma das Apollonias de Pérgamo derivou seu nome do deus Apolo.

O fato de que quatro Apollonias, geograficamente distantes, tiveram seu nome modificado para Sozusa ou similar no período bizantino indica uma ampla inclinação eclesiástica para trocar um topônimo pagão por uma referência ao Salvador cristão, enquanto mantinha-se mesmo assim uma conexão onomástica com *Apollo Soter*.

Para resumir, não é possível manter a afirmação de Farnell (1906:162) de que “**a maioria** das numerosas cidades chamadas Apollonia... foram provavelmente fundadas seguindo a **sugestão** do oráculo, e **portanto** foram nomeadas segundo o nome do deus colonizador de Delfos ou Didyma” (minha ênfase). Em primeiro lugar, não há evidências que apoiem essa idéia nem sequer para um dos locais em questão. Em segundo lugar, podemos facilmente aceitar a opinião de Parke & Wormell (1956:50), de que os fundadores não iam ao oráculo querendo sugestões, mas sim autorização divina para um plano já concebido. As respostas oraculares que sugerem uma iniciativa oracular de fundar uma colônia em um local específico parecem não ser autênticas. Em terceiro lugar, onde existem evidências de um oráculo sugerir um local específico (deixando de lado a questão da autenticidade da resposta), em nenhum dos casos o sítio chamava-se Apollonia. Em quarto lugar, a maioria dos locais chamados Apollonia parecem ter sido nomeados muito depois do costume/obrigação de consultar um oráculo ter deixado de ser um pré-requisito para uma nova fundação de cidade.

A posição aqui adotada é de que, longe de ser consequência de sugestões oraculares, raramente, se é que em algum caso, podemos

assumir uma relação direta entre o recebimento de uma autorização oracular para fundar uma colônia e a escolha de Apollonia como nome da colônia.

Na maioria dos casos, parece provável que a escolha do nome Apollonia apenas refletiu uma tradição associando Apolo à fundação de novas cidades. Assim, a preponderância de locais denominados Apollonia não deve ser tomada como indicador da influência de Apolo no processo de colonização (cf. Roscher 1894/6:441).

Esta tradição, que continuou até o fim da era pré-cristã, parece também explicar o fato de que houve mais locais que receberam o nome de Apolo do que o de qualquer outro deus. O “mais grego dos deuses gregos” pode não ter exigido que colônias fossem nomeadas em sua honra, mas seu nome é lembrado nas ruínas de cidades espalhadas por todo o mundo grego antigo até os dias de hoje.

NOTAS

1. O único rival próximo para este título seria o herói/deus Hércules; a *Paulys Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* lista 29 locais chamados Herakleia, e é possível que uma listagem que incluísse todas as derivações do nome Hércules iria exceder em número os topônimos apolíneos. As razões da popularidade do nome de Hércules são certamente diferentes e qualquer comparação está além do escopo deste estudo.
2. Parke e Wormell (1956:65) aceitaram como autêntico um oráculo nomeando a colônia de Gela de acordo com o rio. Entretanto, deste então se demonstrou que já que Gela não era o nome original da colônia, esta resposta oracular não pode ser genuína (Malkin 1987:52).